

ETAPAS CONSTITUTIVAS DE UM GRUPO DE ATIVIDADES EM HOSPITAL DIA PSIQUIÁTRICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

LEONARDO MARTINS KEBBE²

THAÍS REIS SANTOS³

SILVIA ANTUNES COCENAS⁴

RESUMO

Apresentamos nossa experiência de coordenação de um grupo de atividades, durante o estágio profissionalizante de Terapia Ocupacional em Saúde Mental, em Hospital Dia Psiquiátrico. Nossa atuação na coordenação de grupo e a busca por fundamentação das práticas efetivadas nos levaram a acessar um referencial teórico-metodológico que possibilitou a identificação das etapas constitutivas por que passam diferentes grupos terapêuticos. Isso nos auxiliou no planejamento das atividades que foram empregadas de acordo com a emergência de cada etapa, no transcorrer da abordagem grupal. Supervisões e registros dos atendimentos grupais foram constantes, possibilitando a elaboração de uma forma original de compreender e manejar o desenvolvimento de um grupo de atividades.

Palavras-Chave: terapia ocupacional, saúde mental, grupos.

CONSTITUTIVE STAGES OF AN ACTIVITIES GROUP IN PSYCHIATRIC DAY HOSPITAL: REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT

We present our experience of coordinating a group of activities during the professional training of Occupational Therapy in Mental Health in Psychiatric Day Hospital. Our role as coordinators of the group and the search for reasoning of effective practices led us to access a theoretical-methodological reference that

¹ Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

² Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da FMRP-USP. E-mail: kebbe@fmrp.usp.br

³ Acadêmica do 5º. Ano de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo - FMRP-USP.

⁴ Terapeuta Ocupacional da Enfermaria de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - HCFMRP-USP.

allowed the identification of constituent stages that are different therapeutic groups. This helped us in planning the activities that were used in accordance with the emergence of each stage, passed the group approach. Supervision and records of the care group were constant, allowing the elaboration of an original way to understand and manage the development of activities group.

Key Words: occupational therapy, mental health, activity groups.

INTRODUÇÃO

Em Terapia Ocupacional, um grupo de atividades pode ser definido como aquele em que os participantes se reúnem na presença do terapeuta ocupacional com o objetivo essencial de realizarem atividades, em suas diversas modalidades: atividades expressivas, plásticas, artesanais, de autocuidado, de lazer entre outras, dependendo dos objetivos estipulados para o tratamento grupal. Um dos princípios norteadores da prática do terapeuta ocupacional com grupos de atividades é a ideia de que o fazer junto tem efeito terapêutico (MAXIMINO, 2001).

Nossa experiência frente à coordenação de um grupo de atividades⁵, no contexto de um hospital dia psiquiátrico, constituiu parte integrante das práticas desenvolvidas no estágio profissionalizante de Terapia Ocupacional em Saúde Mental, durante o último ano do curso de graduação. Esse estágio ocorreu no início do ano de 2009.

O desafio de assumir a coordenação do referido grupo, composto por pessoas com transtornos mentais⁶, em regime de semi-internação, foi traduzido por diferentes questionamentos. Esses emergiram de nossa

experiência enquanto coordenadores do trabalho grupal, também das supervisões clínicas, que constantemente nos encorajavam a buscar um entendimento da constituição do grupo a partir de nossa inserção no mesmo.

Nossos questionamentos, originados da coordenação do grupo e também da relação estagiário-supervisor, foram: 1. Como lidar com o papel de coordenadores de grupo, que nos foi atribuído, pelo supervisor do estágio? 2. Que técnicas ou atividades poderiam ser empregadas para promover a formação do grupo visto ser um de nossos principais objetivos? 3. Que balizas teórico-metodológicas poderíamos seguir para nortear o trabalho de coordenação grupal do início ao término dessa experiência?

A necessidade de buscarmos fundamentação teórica, em diferentes áreas do conhecimento, para o embasamento das abordagens grupais de Terapia Ocupacional em Saúde Mental, é algo assumido pela profissão e especificado na literatura científica da área, por autores que estudam a temática grupos, como Ballarin (2007; 2003), Kebbe (2002) e Maximino (2001).

⁵Não nos referimos à designação de Benetton (2006)² sobre as duas formas de constituição dos grupos de Terapia Ocupacional, conforme o uso de atividades, ou seja: o grupo de atividades e a atividade grupal. No grupo de atividades, cada integrante mantém com o terapeuta uma relação individual; na atividade grupal, os integrantes do grupo realizam uma única atividade em conjunto, de modo que o terapeuta pode manter a relação de trabalho conjunto do mesmo. Aqui, nos reportamos a proposição de Maximino (2001, pág. 16)¹, acerca dos grupos de atividades, cujos participantes se reúnem sob a consigna de "...estamos aqui para fazermos atividades".

⁶Os transtornos mentais diagnosticados dos usuários de nosso grupo estão generalizados, pois alguns deles apresentavam somente hipóteses diagnósticas. São estes: Transtorno de Personalidade, Transtorno de Personalidade Borderline, Transtorno Afetivo Bipolar, Transtornos Depressivos, Esquizofrenia, Transtorno Esquizoafetivo, Transtorno Somatoforme – ressaltando que os usuários apresentavam sintomas controlados.

O embasamento teórico, que provém de áreas como psicologia, psiquiatria, ciências sociais entre outras, exige que o terapeuta ocupacional, em sua prática com grupos, adapte tais conhecimentos para o uso específico na profissão (MAXIMINO, 2001). Sendo assim, para o processo de supervisão do grupo de atividades do hospital dia, bem como para sua coordenação, buscamos um referencial desenvolvido na psiquiatria que nos exigiu estudo aprofundado, observação atenta do grupo e criatividade para a adaptação de nossos recursos instrumentais (atividades e outras técnicas) a esse arcabouço teórico-metodológico.

Vinogradov, Yalom (1991) e Johnson (1998) descreveram três etapas básicas de desenvolvimento de um grupo terapêutico, a partir de sua constituição. Essas etapas não podem ser delimitadas com precisão, cronologicamente, pois a transição de uma para outra depende de variáveis como a composição do grupo, a natureza da comunicação estabelecida entre os membros e o manejo adequado do coordenador diante das questões emergentes.

Na primeira etapa, denominada “orientação”, os participantes do grupo apresentam comportamentos e atitudes de dependência do terapeuta, esperando dele estrutura e suporte. A comunicação se estabelece especialmente com o coordenador e menos entre os componentes do grupo. Aqui, o participante busca elaborar um perfil que delimite seu estilo de participação e procura verificar se existe aceitação por parte dos outros usuários e do terapeuta. As atividades empregadas nessa fase devem estimular a participação dos membros do grupo, possibilitando que estabeleçam, cada um, seu papel.

A etapa intermediária é caracterizada pela emergência de “conflito”, termo que a designa. O comportamento dos participantes é evidenciado pelo controle da situação e pela disputa de poder no campo grupal, podendo esse conflito ser direcionado para o terapeuta ou permanecer

entre os usuários. Surgem posturas críticas e severas entre os membros do grupo e o manejo da situação pode tornar-se particularmente difícil. O planejamento das atividades, nessa etapa, deve favorecer a comunicação aberta entre os componentes do grupo, estimulando a identificação de soluções para os conflitos emergidos. A terceira etapa, denominada “coesão”, ocorre gradualmente e as regras de funcionamento do grupo podem ser estabelecidas ou redimensionadas. Há a possibilidade de se desenvolverem atitudes de suporte e encorajamento entre os membros do grupo, que facilitam o surgimento de sentimentos de confiança no campo grupal. Nesse estágio, as atividades podem ser mais complexas, intensas e terapêuticas.

Diante do que foi exposto, para viabilizar o processo de supervisão e coordenação dos grupos de atividades do hospital dia, nós nos baseamos no pressuposto de que as atividades, previamente planejadas para as diferentes etapas evolutivas de um grupo terapêutico, auxiliam os participantes a experimentarem novas formas de relacionamento por meio do fazer, possibilitando que a ação adquira diferentes significados que, uma vez compartilhados, levam à coesão grupal.

Assim, objetivamos descrever nossa experiência enquanto coordenadores de um grupo de atividades de Terapia Ocupacional em hospital dia psiquiátrico, assinalando os estágios evolutivos por que passou o grupo e as relações que se estabeleceram em cada fase, desde nossa inserção na coordenação, ao encerramento de nossas atividades enquanto estagiários.

CONTEXTO DAS PRÁTICAS COM O GRUPO DE ATIVIDADES

O Hospital Dia Psiquiátrico, onde desenvolvemos o grupo de atividades a que nos referimos, é um serviço de atenção em Saúde Mental de hospitalização parcial que oferece tratamento para pessoas portadoras de transtornos mentais em crise aguda ou reagudizada. O

período médio de permanência dos usuários no serviço é de 45 dias e são oferecidas, diariamente, diferentes estratégias terapêuticas, efetivadas pela equipe multidisciplinar (JUNQUEIRA, 2009). Dentre elas, destacamos os atendimentos grupais e individuais desenvolvidos pela psicologia, psiquiatria, enfermagem e terapia ocupacional, também as reuniões com os familiares de usuários e os grupos comunitários. Há a possibilidade de continuidade do tratamento pós-alta com atendimentos grupais e individuais em psicoterapia, terapia ocupacional e abordagem medicamentosa.

Essa estrutura de atendimentos oferece aos usuários do hospital dia grande variedade de oportunidades nas quais a pessoa com transtorno mental pode construir e reconstruir sua história, suas vivências e sua identidade, tanto para a melhora da crise como para a retomada de sua vida ocupacional fora do hospital.

Por estar inserido em uma Universidade, esse hospital busca também a formação de recursos humanos para a área da Saúde Mental. Para tanto, oferece estágios profissionalizantes para estudantes de graduação, aprimoramentos e residências a diferentes especialidades profissionais.

O grupo de atividades foi instituído, no hospital dia, pelo profissional terapeuta ocupacional da equipe multidisciplinar, sendo parte integrante de outras abordagens terapêutico-ocupacionais do serviço. O objetivo essencial desse grupo consiste em identificar, por meio do fazer, as principais dificuldades relacionais dos usuários, buscando instrumentalizá-los para a resolução dos problemas surgidos no campo grupal e, por extensão, para que possam lidar mais efetivamente com conflitos vividos em outros grupos que integram como a família, os amigos e colegas, entre outros.

Esse grupo se reúne uma vez por semana e se desenvolve durante uma hora, sendo coordenado por estagiários de Terapia Ocupacional mediante supervisão constante de

profissional da área, atuante no hospital dia. Participam do grupo 16 usuários e, em cada encontro grupal, as atividades propostas pelos coordenadores duram entre quarenta e cinquenta minutos, sendo o tempo restante destinado às reflexões e discussões suscitadas pelo fazer. Para os estagiários, a coordenação desse grupo constitui o início de suas experiências interventivas no estágio e, a partir daí, o aluno paulatinamente agrega-se a outras práticas de Terapia Ocupacional em Saúde Mental, no referido hospital, como atendimentos individuais e também a participação em outras modalidades de grupos.

Ao longo do estágio, realizado entre fevereiro e maio do ano de 2009, participamos da coordenação do grupo. Discutimos as atividades em dois momentos: antes de cada encontro e após a realização do grupo, para avaliação e supervisão imediata das práticas. Cada encontro grupal contou com a participação de um observador, também estagiário de Terapia Ocupacional, responsável pelo registro descritivo livre de cada atendimento. Esses registros subsidiaram a identificação das etapas evolutivas do grupo, aqui relatadas através de recortes com exemplos de atividades e manejos técnicos dos coordenadores. Ressaltamos que mais de uma atividade foi realizada pelos participantes em cada etapa evolutiva do grupo, porém, devido ao nosso objetivo neste relato, exemplificamos somente as atividades que consideramos como mais ilustrativas de cada etapa. Os períodos aproximados de transição das etapas evolutivas do grupo foram assinalados em meses e constam entre parênteses.

A EXPERIÊNCIA DE COORDENAÇÃO DO GRUPO DE ATIVIDADES

Etapa 1: Orientação (fevereiro e março).

Para prover maior estrutura e orientação ao grupo, também visando facilitar sua coordenação, propusemos a confecção de um mural, posteriormente afixado na

sala de grupos do hospital dia. Imediatamente, após finalizada sua execução, verbalizamos que o mural poderia ser utilizado como espaço dos usuários para que deixassem recados, fotos, reflexões por escrito e mensagens. Essa atividade foi construída com diferentes materiais, entre os quais juta, linhas, retalhos de tecidos e revistas.

Durante a confecção do mural, observamos a busca, por parte dos usuários, de sugestões dos coordenadores sobre técnicas a serem empregadas para a configuração geral do mural. Sugerimos ao grupo que utilizasse uma técnica de bordado, visando decorar o contorno do mural e, a partir dessa sugestão, os participantes se envolveram espontaneamente na confecção de enfeites para tal propósito. Alguns usuários bordaram fuxicos e outros realizaram dobraduras com folhas de revistas.

Embora cada participante tenha buscado confeccionar sua própria atividade, como forma de contribuir para o mural, observamos alguma interação entre os mesmos no compartilhamento de equipamentos e materiais, mas também a busca pela orientação e aprovação dos coordenadores do grupo, traduzida por meio de perguntas “é assim mesmo que se faz?” “ficou bom?” e “onde devo colar estes fuxicos?”.

Posteriormente à decoração do mural, o grupo escolheu o local da sala para afixá-lo. Ao final do atendimento grupal procedemos (coordenadores e usuários) à discussão da atividade realizada e aspectos importantes foram verbalizados pelos participantes, tais como: a valorização de um espaço específico para os usuários no hospital, viabilizado pelo grupo de atividades; a interação entre os membros do grupo, possibilitadora da troca de opiniões e sugestões acerca das atividades que iam sendo construídas. As contribuições de cada usuário foram devidamente assinaladas pelos coordenadores ao grupo, contribuindo para a observação atenta da estrutura final do mural. Isso ressaltou a importância e o reconhecimento das contribuições

individuais para a produção e constituição coletiva do grupo propriamente dito.

Etapa 2: Conflito (março e maio).

A atividade utilizada para o estágio intermediário do grupo foi denominada “risco continuado”. Nesta fase, os coordenadores propuseram aos usuários, dispostos ao redor de uma mesa, que iniciassem cada qual um desenho livre, utilizando lápis e papel sulfite. Após os primeiros esboços, foi solicitado que cada participante entregasse seu desenho à pessoa à sua esquerda, e que ela complementasse ou acrescentasse desenhos na folha recebida do companheiro de grupo. Essa proposta se seguiu até que cada folha de papel retornasse à pessoa que a havia iniciado, com os desenhos alterados por cada membro do grupo.

Durante a atividade, houve falas de usuários de que não gostariam de trocar seus desenhos, e outras que expressavam dificuldade de alguns em acrescentar ou complementar o desenho do outro. Algumas pessoas, ainda, permaneceram com a folha para finalizar o desenho, mesmo depois da solicitação dos coordenadores para que o passasse adiante.

Finda a atividade expressiva e em posse da folha de papel original, seguiram-se comentários críticos à atividade proposta, no que tange à organização da mesma e ao seu resultado. Observamos que um dos usuários, com as mãos na cabeça, referiu que “algumas coisas poderiam ser arrumadas, mas não havia muita solução...” Alguns usuários disseram estar surpresos com o desenho finalizado pelos colegas, pois o resultado se tornou algo que não haviam planejado, o que, no nosso entendimento, sinalizou a necessidade de controle de cada participante sobre si mesmo, suas produções e sobre a dinâmica do grupo em geral.

Os coordenadores apontaram a atividade como propulsora da expressão de sentimentos de frustração que, por sua vez, podem decorrer das relações

estabelecidas no próprio grupo ou das relações interpessoais em diferentes contextos sociais. Tais relações (com familiares e/ou amigos) podem interferir mutuamente na vida das pessoas possibilitando ou exigindo modificações em seus projetos e em suas expectativas originalmente concebidas.

Etapa 3: Coesão (maio).

Os coordenadores propuseram uma atividade individual de construção de um trem, em papel, cujo modelo foi apresentado ao grupo, antes de sua execução. Foi ressaltado aos usuários que o mesmo deveria ser personalizado e não necessariamente idêntico ao modelo apresentado.

Alguns participantes do grupo finalizaram rapidamente a sua atividade, e outros mostraram dificuldades necessitando de auxílio de outros usuários e dos coordenadores. Outros, ainda, foram metuculosos e construíram seus trens de forma detalhada. No transcorrer da atividade, houve o compartilhamento de materiais, também a solicitação e o oferecimento de auxílio mútuo. Algumas pessoas conversavam durante a atividade, outras permaneciam em silêncio, mas todas atentas ao próprio projeto e ao dos colegas de grupo.

Ao término da construção dos trens, os coordenadores verbalizaram ao grupo que seria empreendida uma viagem, solicitando aos usuários para que escrevessem, nos respectivos vagões, palavras representativas do que desejariam levar nessa jornada, e todos leram o que haviam escrito. Alguns deles manifestaram o desejo de levarem consigo familiares e amigos, outros somente alimentos e pertences pessoais e outros, ainda, animais de estimação.

Alguns depoimentos que se seguiram foram bastante significativos, a exemplo de um usuário que referiu levar com ele, no trem, o próprio “... maquinista, pois sem o mesmo não saberia guiar o trem sozinho...”, e de outro membro do grupo que, além de familiares, levaria alguns

passageiros, assinalando que haveria um cobrador “... porque ninguém pode passear de graça...”

Por estarmos nos aproximando do encerramento das atividades do estágio e, portanto, da coordenação desse grupo, pensamos nas falas acima como indicativas de ansiedade de separação dos usuários, frente à despedida dos estagiários de Terapia Ocupacional. Esses discursos também evidenciaram uma ansiedade diante do temor do “abandono” pelos coordenadores do grupo, reeditado a cada vez que os estagiários são substituídos por outros, e o quanto essa experiência necessita de ser adequadamente abordada junto aos usuários. Nessa etapa do grupo, sentimentos depressivos e persecutórios puderam aflorar, visto o grupo ter de aguardar a inserção de novos estagiários no hospital dia, desconhecidos por ele, mas que assumiriam sua coordenação.

A exposição compartilhada de sentimentos associados à separação e ao abandono denota a coesão do grupo, pois suas falas traduziram vivências mais íntimas, dadas pela maior confiança desenvolvida no campo grupal.

DISCUSSÃO

A partir de nossa atuação no grupo de atividades e de descrições dos atendimentos, pudemos observar, nos primeiros encontros grupais, elementos denotativos da etapa inicial de orientação. Foram seus elementos característicos: a solicitação direta dos participantes do grupo à figura dos coordenadores, momento em que foram feitos questionamentos sobre como proceder durante a escolha das técnicas para a execução das atividades; a busca por sua aprovação; a manutenção de interações interpessoais mínimas entre os pares durante o fazer, e a expressão dos papéis individuais.

Essas características foram levadas em conta pelos coordenadores, tendo constituído relevante material para a supervisão, à medida que possibilitaram explicitar ao grupo a importância de cada participante enquanto seu elemento constitutivo, e suas respectivas contribuições

individuais, dadas pelo fazer compartilhado. Chamou-nos a atenção a importância de, nessa etapa, selecionarmos atividades e técnicas de manejo que ofereceram ao grupo a melhor estrutura e orientação possíveis, e que facilitaram a expressão dos diferentes papéis de cada membro, durante o fazer. Isso possibilitou ao terapeuta ocupacional e aos participantes acessarem aspectos relevantes do funcionamento grupal, em sua fase inicial, visando à melhor organização do mesmo.

A etapa de conflito grupal foi identificada pela resistência parcial dos usuários em aceitarem as regras de execução das atividades propostas pelos coordenadores e, especialmente, por meio da atitude crítica direcionada à seleção, à organização e ao resultado dessas atividades. Consideramos tais expressões como associadas à necessidade de controle das regras do grupo, por parte dos participantes, visando à evitação de ansiedade.

A frustração expressa dos usuários, nessa etapa, fez com que nos posicionássemos de forma mais continente, assinalando verbalmente ao grupo os possíveis motivos que levam as pessoas a desejarem o controle das situações vividas. Nossa intervenção possibilitou ao grupo a compreensão de que as relações interpessoais estabelecidas podem escapar a esse controle, o que pode gerar sofrimento.

Elementos indicativos da coesão grupal consistiram no compartilhamento espontâneo de materiais e na ajuda mútua efetivada entre os usuários, durante a atividade realizada por eles. A comunicação verbal e a não-verbal estabelecida no transcorrer dessa etapa foi concernente à execução da atividade proposta. Embora com algumas dificuldades, o grupo espontaneamente procurou oferecer auxílio a seus pares, denotando sua habilidade suportiva engajando-se ativamente à tarefa. A coesão do grupo possibilitou a seus integrantes e coordenadores adentrarem assuntos de caráter mais íntimo, e nessa etapa, houve maior facilidade de expressão e comunicação espontânea, pois a confiança entre os

membros e a confiança no potencial terapêutico do grupo estava consolidada.

A vivência da coordenação e a observação das etapas evolutivas desse grupo de atividades nos fez concordar com a proposição de que um grupo não é um mero somatório de indivíduos, mas uma nova entidade que se constitui com leis e mecanismos próprios e específicos (ZIMERMAN, 2001).

Entendemos também que a dinâmica de um grupo de Terapia Ocupacional se altera, a partir da proposição e da realização de diferentes atividades, sendo o coordenador um elemento essencial à consolidação da coesão grupal, resultante do manejo adequado e empático das etapas que a precedem (KEBBE, 2002; MAXIMINO, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação e a supervisão sistemática do acontecer grupal, associadas ao uso de atividades planejadas para cada fase constitutiva do grupo, possibilitou a nós, coordenadores, identificar diferentes nuances das relações intragrupais estabelecidas, que foram se modificando qualitativamente tornando o grupo mais coeso.

A possibilidade de atuar como coordenadores de um grupo de atividades constituiu experiência singular, tendo sido essencial à nossa formação profissional. O contato com o cotidiano da prática clínica grupal nos fez defrontar desafios inerentes a ela, que emergiram gradualmente. A oportunidade de vivenciar um espaço compartilhado com os usuários, supervisor e colegas de estágio de Terapia Ocupacional, no contexto de um hospital dia, favoreceu a reflexão e a articulação de aspectos teórico-práticos relativos ao movimento constitutivo de um grupo de atividades, enriquecendo processual e significativamente nossa formação para a área da Saúde Mental.

Consideramos que a experiência de participar do grupo de atividades nos despertou para questões que nos fizeram amadurecer profissionalmente, à medida que aprendemos a nos perceber, enquanto coordenadores, a reconhecer e a respeitar os momentos do grupo, lidando empaticamente com as diferentes fases pelas quais ele passou. Tais questionamentos, uma vez identificados, se tornaram facilitadores para o manejo da coordenação, atendendo às necessidades daqueles que buscaram ajuda por meio do tratamento grupal em Terapia Ocupacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLARIN, M. L. S. Algumas reflexões sobre grupos de atividades em Terapia Ocupacional. In.: PÁDUA, E. M. M.; MAGALHÃES, L. V. *Terapia Ocupacional: teoria e prática*. Campinas, SP, Papyrus, 2003, p.63-76.

BALLARIN, M. L. S. Abordagens grupais. In: CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: Fundamentação & Prática*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2007, p.38-43.

BENETTON, M. J. *Trilhas Associativas: ampliando subsídios metodológicos à clínica da terapia ocupacional*. Campinas, Arte Brasil Editora/UNISALESIANO, 2006.

JOHNSON, C. V. Group activities for children and adolescents: an activity group approach. *Journal of Child and Adolescent Group Therapy.*, v.8, n.2, p71-88, 1998.

JUNQUEIRA, S. A. E. *Perfil sócio-demográfico e clínico de pacientes psiquiátricos tratados em hospital dia*. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

KEBBE, L.M. *O uso de atividades em grupos terapêuticos e suas especificidades: subsídios para o debate sobre grupos de Terapia Ocupacional*. 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

MAXIMINO, V. S. *Grupos de Atividade com Pacientes Psicóticos*. São José dos Campos, Univap, 2001.

VINOGRADOV, S.; YALOM, I. D. *Manual de psicoterapia de grupo*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

Recebido: 26/05/2009

1ª revisão: 29/10/2009

2ª revisão: 06/01/2010

Aceite final: 07/01/2010